



CORPO DE DELITO

Crónica de um dia solidário

Em África, porque soa bem e proporciona sempre as frases douradas que assentam bem a um grande solidário



Rui Patrício

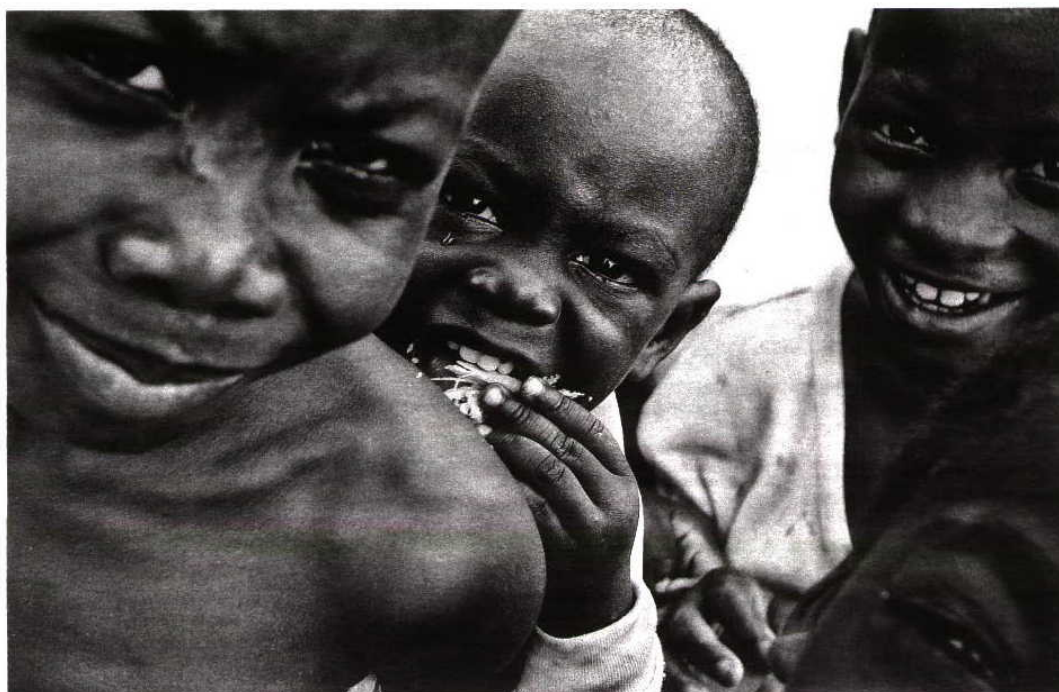
Há anos que ele sofria de solidariedade, a doença já era crónica, passava uns dias melhor e outros pior. Quando estava mais achacado, derretia-se em sintomas solidários e dedicava muito tempo aos sinais da maleita. Eram dias de frenesim, como se a solidariedade fosse um vício que o agarrava e corroía. Às vezes, mal tinha tempo para ver a quanto cotavam as suas acções de várias empresas, que eram parte da sua enorme fortuna – da qual os seus advogados, conselheiros e administradores lhe permitiam que gastasse 2% para satisfazer as necessidades da sua doentia solidariedade.

Certa manhã – quando os mercados asiáticos já iam avançados e os europeus começavam –, ele mal teve tempo para se aperceber da subida espectacular do valor das suas acções numa

empresa petrolífera, e nem pôde saborear esse triunfo, pois estava ocupado com a organização de um evento de recolha de fundos a favor do ambiente. Aliás, o ambiente era uma causa a que se dedicava com afinco e na qual gastava quantias generosas, parte delas escorrendo directamente dos ganhos da sua diversificada carteira de acções, que iam desde a indústria farmacéutica à química, passando pelos combustíveis fósseis, os minérios, a metalomecânica, *et cetera*. Depois da preparação do evento de recolha de fundos, ele teve que se meter, ainda de manhã, no seu jacto particular – um eficiente BD-700, de mais de 30 milhões de euros e que consumia vários milhares da mesma moeda em combustível para voar a mais de 900 km/h – com destino a uma capital europeia onde decorreria uma reunião da sua fundação, que tinha afamados projectos em curso para a erradicação da pobreza em África. A pobreza, porque se trata de uma doença grave. Em África, porque soa bem e proporciona sempre as frases douradas que assentam bem a um grande solidário; e, além disso, está longe, e longe da vista longe do coração, já se sabe.

Voltou estafado da reunião e do voo e, ao fim da tarde, relaxou um pouco na sua casa principal, dada (nas melhores revistas) como exemplo de luxuoso requinte. Depois, vestiu-se a rigor e foi para o evento, onde compareceram outros filantropos da sua roda. Bebeu-se bem, comeu-se ainda melhor, e todos – doentes do mesmo mal – se derreteram de solidariedade. Voltou a casa, estoirado. E, antes de dormir, mal teve tempo de deitar os olhos ao resumo das cotações do dia, aos relatórios sobre a reestruturação de uma das suas empresas, onde seria preciso despedir umas dezenas e cortar nos salários de umas centenas (para travar a queda da margem de lucro), e aos planos de redecação da sua casa de praia – cujos trabalhos estavam atrasados, por culpa sua, pois entre tantas acções solidárias faltara-lhe o tempo para tratar disso. Estava a precisar de descansar, tinha de fazer uma pausa. Mas não já, não antes de ter curado mais uns doentes, eliminado mais uns pobres e varrido mais umas toneladas de lixo e de CO2 para debaixo das carpetes. Para já, não podia pensar em si. E adormeceu, tranquilo.

Advogado, escreve ao sábado



África, palco privilegiado da “doença da solidariedade”